

Prioridades erradas

A leitura das queixas que a secretária da Educação, Josephina Baiocchi, faz à situação do ensino público no Distrito Federal induz-nos, de imediato, a uma conclusão: há um erro no plano de prioridades do Governo local. Se o ensino fundamental público está, como diz a secretária, virtualmente inviabilizado "por causa do reduzido quadro de educadores, das más condições físicas das escolas e da falta de material didático", é evidente que o problema é político e não financeiro. Haveria um problema financeiro se, inserido no topo da escala de prioridades, ainda assim o ensino estivesse correndo perigo. Como não está no topo, evidentemente está no lugar errado, porque nada é mais prioritário do que a educação dos 365 mil jovens matriculados na rede pública do Distrito Federal.

Nada é prioritário acima da educação neste País. É a falta de educação — o despreparo para o trabalho — que tem figurado no vértice da causalidade da vasta crise que nos aprisiona. O trabalhador brasileiro é improdutivo por padrões internacionais.

A produtividade de um trabalhador europeu ocidental é cinco vezes superior à do trabalhador brasileiro, resultando em que, obviamente, sua renda é também cinco vezes superior. Com trabalho, com renda, com consumo, e também com poupança, é evidente que o País cresce-

rá. Este é o caminho, não há outro se pensarmos no Brasil do futuro, certos de que o Brasil do presente não tem mais solução.

Ora, é evidente que o trabalhador brasileiro não é improdutivo por prazer. Ele o é por falta de ensino que o qualifique para ser produtivo, e que o capacite também para defender a sua saúde, para prover-se de alimentação adequada e para realizar outros objetivos que são função do homem educado, não do homem rústico. Os milhões de homens rústicos que constituem o cenário predominante do Brasil são a dívida social que acumulamos ao longo de décadas de prioridades erradas.

Nos anos recentes, por culpa de erros conceituais do governo Sarney, confundiram-se os termos "social" e "assistencial", passando aquele a designar as ações que este designa melhor. A distribuição de comida, a construção de barracos para favelados, os programas de mutirão, tudo se qualificou genericamente de programa social. Na verdade, são assistencialistas, do tipo não reprodutivo. Programas consistentemente sociais são os que favorecem a promoção social do beneficiário, entre estes figurando bem no alto, acima de qualquer dúvida, a educação.

Se não há dinheiro para a educação, para o que mais haverá de haver?